

Revista de Literatura,
História e Memória

Dossiê Confluências entre
Literatura, Cultura e Outros
Campos do Saber

ISSN 1983-1498

VOL. 14 - Nº 23 - 2018

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 59-70

OPERAÇÃO SÍSIFO: PEDRAS E PÉROLAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Marta Morais da Costa¹

RESUMO: A formação de leitores, enquanto um processo infinito enquanto dura, depende de conhecidas e, em contraste, inimagináveis mediações. O papel da família, da escola, dos meios de comunicação, das bibliotecas, da crítica especializada, das editoras é por demais conhecido. Como o caminho de iniciação à leitura é formado também por atalhos, o evoluir da história humana segue apontando para inusitados percursos de formação. Dada a importância crescente da comunicação e da tecnologia, mediações se configuram em espaços e com agentes incomuns, com recursos de múltiplas linguagens, combinados e integrados. Nesta ciranda de textos, livros, guias, congressos e cursos que constituem a formação continuada de professores, as atualizações atingem também o material didático que circula em salas de aula e que embasa o trabalho de formação de leitores no espaço escolar. Uma das propostas surgidas nestes últimos anos é o **“Almanaque do leitor”**, editado pela Editora Positivo em 2015-2016, que tem por princípio organizacional a relação entre literatura e formação de leitores. É composto por uma coleção de 10 volumes, que abrangem do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental de escolas de tempo integral, acompanhados dos textos literários e de um guia para orientar a mediação dos professores. Como autora deste **Almanaque** trago neste artigo certezas e dúvidas a respeito das limitações estabelecidas pela minha história de leitura presentes nos livros que escrevi.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Formação de leitores; Almanaque do leitor; Literatura e leitura.

ABSTRACT: The readers development, as a endless procedure, subordinates itself to notorious mediations, thus, by opposite, some unimaginable others. The role played by the family, the school, the media, the library, the specialized criticism, the editors is well known. The readers training way is formed by shortcuts, but the humanity history shows unusual learning routes. Due the communication and technology magnitude, school mediations set up spaces and special agents, with the resources of multiples languages, combined and integrated. In the texts, books, manuals, lectures and congresses dance – basis of teachers training – the update of the teaching materials reach the task od readers development in the school space. One of these materials is the **Almanaque do Leitor**, edited by Editora Positivo at 2015-2016, whose organization is built by the relationship between literature and readers development. It is a collection of ten books for the 1st to 5th years of the Ensino Fundamental, for integral education, formed by literary books and one guide to teachers' mediation. As the author of the **Almanaque do Leitor**, I bring here the certitudes and the doubts respect the limitations due to my reader history, presented in the books I have written.

KEYWORDS: Reading; Readers development; Almanaque do Leitor; Litterature and reading.

Trago mais interrogações do que respostas. Trago mais dúvidas do que certezas. Trago um pensamento de contraditórios. Sou um questionário ambulante. Portanto, tomem o que ouvirem como uma provocação, pequena, tímida, quase insignificante que construí a partir de tudo o que li ao longo da vida, do que vivi e para o que não tenho respostas definitivas. No entanto, não entendam, por gentileza, que pretendo espalhar um monte de insignificâncias para justificar minha presença neste simpósio e dar um retorno morno aos organizadores do evento e fazer passar o tempo de minha exposição. Jamais faria isso com seus ouvidos, com suas mentes e com meus amigos. Gostaria que vocês pudessem atribuir minhas palavras a um exame de consciência que fazemos todos quando nos deparamos com um extenso passado e um futuro muito curto. Algo parecido com a afirmativa – não sei se verdadeira – de que, minutos antes da morte, a vida desfila por inteiro em nossa mente em desagregação. Estou me adiantando a este momento único, inescapável e definitivo, até na tentativa de que ele seja cada vez mais postergado.

Vamos lá – ou melhor, vamos em frente e aqui mesmo.

Como quase todos aqui, fui uma leitora atravessada pela angústia de querer ler o que aparecia pela frente (pelos lados, ao fundo, nos cantos e nas vitrinas). E que carregou – talvez fosse melhor dizer, acalentou - esta angústia vida em fora. Talvez eu seja mais um caso patológico, do que um exemplo pedagógico. Que seja! E com as bênçãos de Freud, fui descobrindo que sob toda a história de livros e da literatura, ao lado de todos os textos literários amados – ou nem tanto - morando como senhora do castelo nas bibliotecas estava a leitora (em ego e id e self) – ou seja, aquela que desejava ou precisava subir nas escadas da escola, do trabalho, da vida. Por auto-imposta obrigação, por outros-imposta obrigação, por um prazer sadomasoquista inextinguível.

Nesta época de minha formação, não era palavra-de-ordem deixar-se encantar pela literatura: as pessoas se tornavam impermeáveis aos deslumbramentos da literatura porque mal conseguiam alimentar-se do feijão-com-arroz de textos utilitários. Até em meus alunos, ao falar entusiasmada sobre a literatura observei muitas vezes que eles se deixavam adormecer, enquanto eu declamava decassílabos, antífrases e anáforas. Mas adoravam saber dos amores não correspondidos e trágicos dos escritores, mesmo sem entender a profunda análise da enunciação, o diálogo indireto livre, as personagens redondas. Ficavam fascinados pelos versos ou fragmentos em que o infeliz amante derramava suas lágrimas ou morria de amor não correspondido.

A formação de leitores para a literatura viveu sempre às turras com obstáculos renovados e concorrências desleais. Assim como amantes rejeitados eram derrotados por pretendentes mais altos, mais sarados, mais endinheirados. O leitor convidado

para encontros silenciosos e comportados, muitas vezes renuncia a seu status leitoral para se lançar a aventuras mais eletrizantes, bombásticas, pauleiras e sinestésicas. Como na música, a literatura também sofre paixões e tietagem dos aficionados pelo sucesso, pela beleza dos escritores, por sua visibilidade digital. *Likes* e seguidores contam-se aos milhares, não importa a qualidade do texto desde que o arrebatamento midiático prepondere.

Sei hoje que um leitor lê o que PODE ler, que ninguém dá o que não armazenou, que a leitura é um constructo, uma construção (assim mesmo: os tijolos dos textos, a argamassa de compreensão e a arte do pedreiro-engenheiro que pensa posições, espaços, finalidades, finalizações e estética). O leitor que considera ler como um empilhamento de caixas em um depósito acanhado, sem janelas e com todos os aromas do mofo, está perdido para a literatura. Há, entretanto e felizmente, a indispensável negociação e oxigenação de sentidos e de prazeres entre texto e leitor, a necessária continuidade do percurso e a reflexão indispensável sobre ele, ou seja, uma educação para a leitura da literatura.

Os anos 70 do século passado trouxeram uma marcante alteração no trabalho com a literatura em sala de aula no Brasil. A cartilha useira e vezeira no processo de alfabetização começa a ser abandonada em favor de textos mais ágeis e contemporâneos. Mais do que isso: a academia universitária posiciona-se contrária à exclusividade de um texto único e autoritário e inicia-se a negação da alfabetização como uma aprendizagem centrada em letras e sílabas para uma visão da língua em uso e com base em textos. Deixava-se de lado um ensino gramatical definido autoritário. Buscava-se, com o apoio em visões chomskyana e do estruturalismo, uma gramática de uso, mais próxima do real. Aproximava-se o tempo do letramento. O trabalho com a literatura, por sua vez, inicia uma batalha de descrédito dos questionários com perguntas primárias e das fichas de leitura.

Em lugar de trabalhar com o texto literário único, preferiu-se apenas ler sem obrigações. Uma leitura desobrigada de trabalhos e até de cobranças. Ler por escolha pessoal, pequenos relatos de leitura, uma tentativa de estimular uma leitura prazerosa por ser supostamente livre. Saliente-se que o termo trabalho havia ganho uma significativa marca de ojeriza, talvez pela própria etimologia do termo: *tripalium* era um instrumento de tortura. Para o estímulo à leitura bastava, conforme preconizavam as orientações da época, deixar o leitor à vontade com os livros no cantinho de leitura. Qualquer uma dessas duas atitudes em relação ao texto literário pode ser encarada como inócua para a formação de leitores. Nas duas, a única ação indesejada é não ler.

Dois aspectos podem ser considerados nesta pauta da presença da literatura

na escola. Os leitores-alunos, com repertórios mínimos, passaram a selecionar livros de fácil leitura, finos, muito ilustrados e com textos de baixa qualidade – nas esferas estética, histórica e ideológica. Os professores-mediadores, muitos deles também com repertório literário reduzido, com pressupostos de literatura utilitária avaliavam e selecionavam livros para compor os acervos escolares de qualidade contestável. Eles seguiam, por vezes, as orientações de uma formação acadêmica equivocada ou lacunar.

Os leitores em formação ficaram, então, à mercê de seus poucos conhecimentos sobre livros e literatura, ou seja, leram a partir de um pequeno horizonte de expectativas, segundo Hans Robert Jauss. No momento de apresentar os livros (fosse pelos professores, fosse pelos alunos) era habitual descrever as imagens dos livros ilustrados, sem o devido conhecimento e muito menos a devida reflexão sobre a linguagem imagética. Apresentações feitas pelos alunos aos colegas a respeito do livro escolhido e lido (geralmente o mais fino e o mais ilustrado) restringia-se ao resumo do enredo, de forma plana, superficial e óbvia.

Entra para o vocabulário escolar a partir de 1973 a palavra **prazer**, marcada em título e assunto neste ano pelo teórico e crítico francês Roland Barthes na obra “Le plaisir du texte” [“O prazer do texto”] em que defende a existência de duas atitudes do leitor: a do prazer (*plaisir*), efeito provocado pela leitura de obras medianas e a do gozo (*jouissance*), o prazer do intelecto causado pela literatura de alta qualidade, histórica e estética. Os professores que utilizavam a literatura em sala de aula adotaram o termo prazer como se fosse equivalente a bem estar, conseguir compreender o sentido do texto, não ter dificuldades de interpretação, nem de afronta ao gosto estético. Aliás, um dos parâmetros do prazer era a possibilidade de, acabando com qualquer discussão, afirmar: “Mas eu gosto!”.

Na sequência, a leitura prazerosa da literatura acabou por estabelecer novos critérios, baseados em liberdade de escolha, descompromisso com uma visão crítica do ponto de vista literário, abandono das questões da linguagem literária, desvinculação de perspectivas históricas e renúncia a um processo de leitura de textos diversificados em qualidade de escrita e em temática, rumo à complexidade.

Muitas vezes, a leitura da literatura ficou restrita aos textos da moda, aos sucessos de venda, à influência da mídia, à leitura do mesmo texto sob diferentes títulos e de diferentes autores. Esquemas narrativos repetidos, poesia utilitária, literatura de massa e sem saída. Personagens estereotipados, situações previsíveis, muita ação e pouca profundidade, a língua em seu estágio básico da comunicação. A presença da literatura na escola continuou, agora sob o império do mesmo, do fácil, do cômico e do dispensável.

Todo processo educacional se faz aos poucos, aos tropeços e também em

andar ritmado, quando a aprendizagem pode ser avaliada pelo sujeito em si e para si. Aprendemos a andar, caindo. Aprendemos a falar, ouvindo, balbuciando e rearticulando. Aprendemos a ser, estabelecendo e rompendo relações, ouvindo e ouvindo-se, pensando e esquecendo.

E a leitura? Não vou usar a imagem cediça da escada, em que progressivamente o leitor deve subir para desempenhar com sucesso a leitura de obras cada vez mais difíceis e complexas à medida que sobe os degraus. A leitura é uma vasta região de planícies e montanhas, com espaços de florestas e amplitudes desérticas. É um andar sem necessidade de mapas, de direção, de objetivos pré-definidos. Tal como caminhar, a trajetória do leitor nas planícies, montanhas, abismos e vulcões da leitura se faz ao ler. Algo parecido com “um livro puxa o outro”. Mas de onde vem e para onde vai, são rotas imprevisíveis. Como são imprevisíveis as paisagens que apaixonam e as que se tornam indiferentes ao olhar do leitor. Ou até mesmo o aterrorizam.

Retorno à minha história. Vou tomar de assalto os versos iniciais da “Divina comédia”, de Dante Alighieri: “Ao meio da jornada da vida, tendo perdido o caminho verdadeiro, achei-me embrenhado em selva tenebrosa (...)” (ALIGHIERI, 1979, p.25). E a pedra que me esperava neste caminhar de presunção de saberes sobre a formação de leitores era grande como a que Sísifo rolava montanha acima: tinha o nome de “Almanaque do leitor”. Um projeto inicial de 6 livros, logo fermentado para 10 livros, atendendo o ciclo fundamental I de escolas de ensino integral, editado pela editora Positivo e realizado entre os anos de 2014 e 2016. A proposta pedagógica tinha dois pilares fundamentais: a base do trabalho eram livros de literatura infantil e a formatação vinculava-se ao caleidoscópio texto dos almanaques formadores da cultura brasileira: o Laemmaert (século 19), o Biotônico Fontoura e o Sadol (sec. 20) e Almanaque Brasil de Cultura Popular, criado por Elifas Andreato em 1999. Uma estrutura que, neste último, viaja por tópicos como

- Carta enigmática
- Lambe-lambe fotos que contam histórias
- Você sabia?
- Reportagens
- Curiosidades
- Publicidades
- Papo-cabeça
- Ilustres Brasileiros

- Jogos e brincadeiras
- O teco-teco, diversão para pequenos e grandalhões
- Viva o Brasil
- Em se plantando, tudo dá
- Bom humor nosso e dos leitores

O conjunto de volumes integra a *Solução Educacional Tempo – Integral*, uma proposta educacional que conjuga os saberes comunitários (alimentação, saúde, corpo, brincadeiras, organização política, narrativas locais, trabalho, condições ambientais, expressões artísticas, calendários, cultura local) e os saberes escolares (Linguagens e tecnologias, Ciências da Natureza e Matemática, Sociedade e Cidadania). Foi um trabalho efetivamente realizado em equipe, com todo apoio logístico e profissional da editora, em especial da tríade de editores Júlio Röcker Neto, Cristiane Mateus e Giórgia Hellou, sem os quais as melhores intenções pedagógicas e os mais atualizados conhecimentos de leitura e literatura não chegariam a vir à luz.

O eixo de Linguagens e Leitura está composto por dois tipos de material de base para o trabalho pedagógico. *O Almanaque do Leitor* e o *Caderno de Fazer e Ver Arte*, criados a partir da aliança entre uma concepção lúdica e a precisão dos conceitos. Contêm informações atualizadas, teorias adequadas aos objetivos. O ponto de convergência de informações, teorias e práticas é a linguagem verbal e a linguagem imagética das artes visuais. O objetivo prioritário é favorecer e estimular os leitores a desenvolverem percepção, sensibilidade, espírito crítico, projetos e inovação, com desafio permanente à imaginação e à expressão pessoal. Em vários momentos da formação dos leitores busca-se a formação para a cidadania com orientação para trabalhos intersetoriais nas comunidades escolar e familiar. Com esse direcionamento o que se objetiva é usar estratégias que reforcem parcerias e tragam sinergia ao processo educativo.

Uma coisa é dissertar sobre a formação de leitores do alto – alto? será mesmo alto? - de um saber universitário, escalando pilhas de livros teóricos e práticos sobre o assunto. Outra, caro leitor, é por a mão na massa, ou melhor, nas rédeas de um cavalo alado que pode levar ao céu ou ocasionar uma queda de distância astronômica. Em especial, quando o norte do trabalho é o de manter coerência com uma atuação no magistério que se prolongou por décadas, somada às ideias sobre a formação de leitores, expostas em um sem número de artigos, entrevistas, falatórios...

No nascedouro do projeto do Almanaque, havia a liberdade e o limite. A liberdade de escolher textos literários que pudessem servir de base e propósito para a formação de leitores. O limite restritivo: escolher entre as obras publicadas pela editora

Positivo em um catálogo vasto e irregular em qualidade e que vinha sendo construído desde 1995. A literatura a ser adotada, não poderia ser considerada apenas como um gênero textual, mas deveria ser um texto provocador, sem limites, subversivo em sua proposta de ruptura de parâmetros. É óbvio que não estou colocando sob o manto do caráter literário textos subservientes a propósitos utilitários, escolares ou não. A contradição subjacente à escolha estava na utilização do livro como fonte para atividades que objetivassem orientar leitores a ampliar seus horizontes de expectativa, que deveria colocar em interação conhecimentos prévios dos alunos, estimular a expressão pessoal - escrita e oral - e trabalhar associativamente com linguagens não-verbais. Mesmo com a intenção de formar leitores autônomos e com os conhecimentos teóricos a respeito de literatura, permaneceu ao longo do trabalho de criação a sensação de infidelidade virtual à literatura, que sempre defendi como arte e descompromisso.

Este um primeiro embate do escritor com sua criação. E o maior dos desafios da criação de um livro para a formação de leitores.

Especificamente no **Almanaque do Leitor** a competência oral, leitora e autoral é potencializada e aprimorada gradativamente em todos os volumes da coleção. Para tanto, há três níveis de competências e habilidades: leitor iniciante, leitor em processo e leitor autônomo. A gradação nesses níveis busca estabelecer um ponto de partida (*leitor iniciante*) concebido como o aluno no estágio inicial da aprendizagem da leitura de textos simples (narrativas curtas e de estrutura básica, poemas curtos e musicais, personagens que vivem situações próximas ao cotidiano ou parecidas com sua experiência de vida). Leitor iniciante, isto é, ainda na dependência de um adulto para a compreensão e interpretação do que lê. Os textos e atividades são propostos em nível crescente de dificuldade temática, linguística e de ideias, de modo que, após um trabalho em quatro volumes, o aluno possa evoluir para um estágio de maior maturidade, o de *leitor em processo*.

Neste segundo nível, o aluno demonstra domínio de técnicas de leitura e escrita mais apuradas, certa independência na compreensão de narrativas curtas e médias, tendo ainda o auxílio da ilustração e já com compreensão de conflitos narrativos mais intensos e detalhados. Os textos tornam-se mais longos, as referências dentro do almanaque ganham uma dimensão de maior amplitude e diversificação, as atividades pedem maior colaboração do aluno e maior criticidade e maturidade na exposição de seus pontos de vista.

Para o nível de *leitor autônomo*, o aluno já domina com alguma rapidez e familiaridade narrativas médias, relaciona textos de diferentes linguagens, argumenta logicamente e trata de temas e situações fora de seu contexto cotidiano, as atividades

apresentam solicitações mais pessoais e convites à convivência de textos com perspectivas antagônicas e com problemas mais complexos

Os conteúdos e objetivos dos almanaques atendem à Lei de Diretrizes e Bases do MEC e aos PCNs com alvo nas questões de alfabetização e de leitura, concebidas como fator de inclusão na cultura escrita. No caso da leitura, os almanaques do leitor acentuam a formação da consciência crítica, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades para ler de modo autônomo os múltiplos textos da realidade cultural, sejam eles pertencentes a um acervo pretérito (filmes, produtos digitais, publicidade etc), sejam textos novos, articulados entre si e na busca de relações de semelhança e diferença com os conhecimentos prévios. O **Almanaque do Leitor**, dentro do eixo Linguagens e Leitura, integra um material triplo: o livro de literatura, um caderno de atividades relacionadas estritamente ao texto literário e denominado propriamente **Almanaque do Leitor**, e um guia de estratégias para o professor, sugerindo formas de trabalho, descrevendo e teorizando a respeito das atividades propostas e encaminhando para a expansão de conhecimento, das habilidades e competências vinculadas para além dos textos lidos e para além do espaço escolar.

Cada volume do almanaque se completa com uma atividade-projeto de maior amplitude e que retoma, em chave criativa e de sedimentação os trabalhos desenvolvidos nas páginas anteriores do almanaque. São trabalhos de maior fôlego e implicam, necessariamente, o comprometimento individual e personalizado do leitor. São páginas que convidam, provocam e estimulam a participação autoral do leitor. Na sequência, a pormenorização descritiva dos volumes deixará mais clara a concepção do material e a fundamentação teórica que os originou.

Na organização dos volumes, a tripartição dos níveis de leitura para a formação é guia, roteiro e pedra-de-toque da concepção do trabalho pedagógico. Essa divisão não leva em conta a gradação escolar; por exemplo, o nível iniciante não corresponde estreitamente aos dois primeiros anos do nível Fundamental I. Por se tratar de material para a educação integral, segundo concepção e proposta da *Solução Educacional Tempo*, pode inclusive ter no mesmo nível, alunos de diferentes anos. A experiência docente comprova que, no âmbito da formação do leitor, nem sempre o ano escolar corresponde ao estágio de leitura, ou seja, de alfabetização, de acesso, de compreensão, de interpretação e de capacidade de relacionar e comparar diferentes textos. Alunos de 3º ano do Ensino Fundamental I podem não estar sequer alfabetizados. Alunos do 4º ano podem ser capazes de ler textos longos e assuntos mais complexos do que a habitual leitura infantil.

Por se tratar de recurso didático para escolas de ensino integral, o *Almanaque de leitor* respeitou os estágios gradativos e diferenciados de formação para a leitura.

Não se limitou a seguir programas e conteúdos de livros de língua portuguesa para anos específicos do Ensino Fundamental brasileiro.

Ao todo são dez os volumes do **Almanaque do Leitor**, dez diferentes

NÍVEL	TEMA	OBRA LITERÁRIA	PROJETO
1 Leitor iniciante	A palavra	A palavra o que é , de Luis Pimentel	Álbum da palavra
	A imaginação	Problemas com o cachorro , de Elvira <u>Vigna</u>	<u>Minipédia</u> de coisas pequenas
	Transformações	A fiandeira de ouro , de Sônia Junqueira	Livro ilustrado de histórias reinventadas
2 Leitor em processo	Aventuras	Caraminholas de Barrigapé , de Marcos <u>Bagno</u>	<u>Bichológico caracolento</u>
	Afetos	Coleção de bichos , de Rosana Rios	Registro de informações sobre amigos- REINAMOS
	Contradições	O herói , de Flávia <u>Savary</u>	Gibi do herói
	Viagens	O papel roxo da maçã , de Marcos <u>Bagno</u>	Livro do viajante
3 Leitor autônomo	Desafios	Visita à baleia , de Paulo Venturelli	Grande circo dos desafios
	Memórias	A terra dos avós , de José Ricardo Moreira	Dicionário de esquisitices
	Interações	O estalo , de Luís Dill	Hoje tem espetáculo? Tem, sim, senhor!

Foram criados dois personagens, Léa e Heitor, para criar empatia com os leitores e atuar como ligação entre os almanaques. Eles têm suas características e falas próprias, intervêm no estímulo à realização das atividades, comentam informações e situações, apresentam conteúdos e questionam fatos e modos de ler. Também mudam de idade e aspecto físico juntamente com os alunos, do leitor iniciante ao autônomo.

As diretrizes de toda a coleção podem ser assim resumidas:

- o livro de literatura é fonte e farol das atividades, com as indicações de releituras, total ou parcial;
- o caráter lúdico das atividades, a leveza e humor das propostas e a dinâmica inventiva do projeto gráfico;
- o livro como um material de manuseio e leitura prazerosos;
- a combinação de atividades de curto e longo prazo;
- o incentivo à leitura de múltiplos gêneros textuais e de textos de várias linguagens: visual, musical, teatral, cinematográfica, jornalística, publicitária, de quadrinhos e outras;
- atividades que estimulam a invenção, a contradição, a interrogação, a desacomodação;
- a intensidade e prazer no envolvimento de ações de aprendizagem, a amplitude da leitura de mundo;
- a proposta de um livro com surpresas, páginas duplas, recordes, abas, ilustrações provocativas, páginas com dinâmica visual (uso de todos os espaços, fontes diferenciadas, vários estilos de ilustração, textos a completar), recortes, adesivos, colagens etc;
- a palavra e o texto verbal como âncoras de todos os procedimentos para a formação de leitores com cada vez mais autonomia;
- atividades com suporte pedagógico, página a página, no Guia de Estratégias do Professor. Como pôde ser observado nos cursos de formação específica para o uso dos almanaques, o professor também é estimulado a outra prática docente, renovada, lúdica, inovadora;
- a abundância de textos literários e de não-literários visa construir um acervo do capital cultural dos alunos, com ênfase na adequação e na qualidade estética desse material.

Tem mais. Livros escolhidos, gradação de dificuldades estabelecida, temas colocados em relevo, atividades ajustadas a um modo diferente, criativo e lúdico de lidar com o texto literário, os volumes vão se seguindo, sempre com o apoio indispensável da equipe de editores, de revisores, de ilustradores da editora Positivo. E das estantes baixaram para a releitura os livros de meus gurus na formação de leitores: Eliana Nunes, Ceccantini, Vera Aguiar, Alice Martha, Teresa Colomer, Bartolomeu Queirós, Lajolo, Zilberman, Perrotti, Propp, Rodari, Andruetto, Michèle Petit, Jolibert, Frank Smith, Peter Hunt e tantos outros, além dos papas das teorias da leitura (Eco, Jauss, Iser, Eco, Stanley Fish, e outros). Além de incontáveis pesquisas em diferentes meios.

E uma segunda situação a exigir reflexão e a provocar dúvidas: o embate entre teoria e realidade, entre teoria e historicidade. A obra criada representa a nossa perene busca de uma biblioteca ideal. Biblioteca ideal é entendida como a lista de obras tomadas como cânone. Até onde e quando são válidos seus critérios? Minha biblioteca pessoal contém saberes restritos e sua iluminação é pouca e indireta. Como supor que aquilo que foi criado nos almanaques sobreviverá a novas descobertas teóricas? Às batalhas do cotidiano? Como formar leitores em uma sociedade que recusa a leitura? A pesquisa *Retrato da Leitura do Brasil* em sua quarta edição tem apontado sistematicamente o estado de sono e de anemia que cerca a leitura em nosso país.

Um terceiro e não último questionamento tem a ver com a ampliação do texto verbal para outras linguagens: jornal, cinema, teatro, artes plásticas e visuais, historiografia, geografia, astronomia, panfletos, música. As atividades propostas insistem – todas elas – em textos questionadores, em produção criativa, em imaginação, em atenção formal às linguagens (como o cinema diz este tema? como o teatro o expressa? etc). Nesta multiplicação, ampliação e diversificação textual não se perde o texto literário? Ou ele passa a diálogos renovados? Não serão as atividades um diversionismo a produzir perdas, atalhos, esquecimentos? Atividades que contemplam a média ou o genérico de leitores não podem se tornar instrumentos para facilitar ou para antepor obstáculos à leitura? Que parâmetros adotamos para criar livros que atendam milhares de leitores em um território enorme com tantas diferenças culturais, sociais, econômicas como o Brasil?

Para assossegar este espírito indagador e desconfiado, a assessoria pedagógica realizada pela editora tem trazido resultados animadores, mas ainda não produziu respostas sólidas. Sendo assim, continua esta autora a duvidar do resultado, a sonhar com a formação de alguns leitores, a pensar que pode ter contribuído minimamente com um toque de compreensão e paixão pela literatura.

Pra não dizer que não citei fontes, vou terminar por duas rápidas citações: uma delas vem do escritor português João Tordo em “Biografia involuntária dos amantes”: “A imaginação é a chave que temos para manter a morte fechada no seu quarto escuro.” (TORDO, 2017, p.51) Em um país violento como o nosso, em um mundo sujeito a ações de morte sempre à espreita, não é de pequena monta este afastamento. A imaginação, devemos sempre acentuar, é a indispensável condição da leitura da literatura. O **Almanaque** pode vir a incentivar nos leitores a manutenção da Indesejada no quarto escuro.

A segunda citação vem de Michèle Petit em “*A arte de ler*”: Ao final de uma apresentação de dança no teatro do parque, enquanto uma adolescente respondia

a um educador que lhe perguntava: “Como vocês se sentiram? Como artistas?”. “Não”, ela disse, “nós nos sentimos capazes.” (PETIT, 2010, p.238)

O **Almanaque**, neste nada meio do caminho de minha vida, foi esta chave dominadora da morte e uma prova que, se não fui capaz de criar um instrumento infalível, fui capaz de dizer em outras linguagens a minha crença pessoal na leitura como formação de pessoas mais capazes.

NOTAS

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo (USP) e Literatura Brasileira. Professora titular aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Autora de Metodologia do ensino de literatura infantil (2007), Mapa do mundo (Crônicas sobre leitura) (2009), Sempre viva, a leitura (2009) Co-autora de Teatro infantil (2016 – Prêmio Cecília Meireles da FNLIJ), Hoje tem espetáculo? Tem, sim, senhor! (2017). Contato: mcosta45@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. Primeira parte, Canto I. In: _____. **A divina comédia**. Tradução de Hernâni Donato. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 6ª edição. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

COSTA, Marta Morais da. A aliança entre literatura e leitura na formação de leitores: a autoria do Almanaque do Leitor. In: **Literatura em Debate**, Universidade de Frederico Westphalen, v.11, nº 21, jul 2017.

_____. **Almanaque do leitor**. 10 v. Curitiba: Editora Positivo, 2014-2016.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil** - 4. Rio de Janeiro, Instituto Pró-Livro, 2016.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou Como resistir à adversidade**. 2ª edição. Tradução de Arthur Bueno e Camilla Boldrini. São Paulo, Editora 34, 2012.

TORDO, João. **Biografia involuntária dos amantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.